

PROJETO | MEMÓRIA EM AÇÃO: AS MINHAS MEMÓRIAS, A NOSSA HISTÓRIA



Foto: Museu de Lagos | Lídia Moreira

ENTREVISTA

HÉLDER MANUEL HENRIQUES nasceu em Odiáxere, concelho de Lagos, em 1949. Concluiu o Curso Geral dos Liceus. Profissionalmente, foi funcionário público no Ministério da Educação.

Em 6 de dezembro de 1974, foi empossado membro da Comissão de Recenseamento da Freguesia de Odiáxere, participando no recenseamento dos eleitores para a Assembleia Constituinte, realizado entre 9 e 29 de dezembro de 1974.

Foi presidente da Junta de Freguesia de Odiáxere nos mandatos de 1980/1982 e 1983/1985, membro, por inerência, da Assembleia Municipal de Lagos, presidente da Assembleia de Freguesia de Odiáxere no mandato de 1986/1989 e tesoureiro da Junta de Freguesia de Odiáxere no mandato de 1990/1993.

Em 25 de Abril de 1974, Hélder Manuel Henriques vivia na margem sul do Tejo, onde estava a estudar.

DESCRIÇÃO

Código de Referência: PT/ML/AML/C/3/35/000013

Título: Entrevista a Hélder Manuel Henriques

Data: 26/09/2023

Local: Instalações da Junta de Freguesia de Odiáxere.

Tipo: Entrevista áudio formato M4A

Duração de gravação: 00:39:12

Entrevistador: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Registo fotográfico: Museu de Lagos / Lídia Moreira

Transcrição, revisão e edição: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Texto revisto e validado pelo entrevistado a 12/04/2024.

Unidade relacionada com: PT/ML/AML/C/3/35/000090



MUSEU
DE LAGOS

Patrícia de Jesus Palma (PJP): *Senhor Hélder, muito obrigada pela sua disponibilidade em colaborar com o projeto Memória em Ação, aceitando conversar connosco sobre as suas memórias relativas ao 25 de Abril de 1974. Começo por lhe perguntar: o senhor Hélder vivia em Odiáxere quando se deu o 25 de Abril?*

Hélder Manuel Henriques (HMH): Não, não vivia no Odiáxere. Nessa altura, no dia 25 de Abril, vivia em Lisboa, na margem Sul.

PJP: *Como é que recebeu essa notícia?*

HMH: De madrugada, via rádio. Foi um momento de grande suspense e de grande expectativa e também de alguns receios. Nestas coisas, nunca se sabe como é que as coisas irão ficar.

PJP: *Nessa altura, tinha que idade?*

HMH: Nessa altura, devia ter os meus 25 anos, por aí.

PJP: *Estava a trabalhar em Lisboa?*

HMH: Estava a tirar um curso na margem sul do Tejo, no Instituto de Formação Profissional.

PJP: *E soube exatamente o que é que se estava a passar?*

HMH: Sim, todo aquele movimento que havia, que foi transmitido via rádio, não dava para confundir com o que fosse. Era claro o que se passava, agora, como iriam ficar as coisas a partir desse dia? Isso é outra questão. Mas, sabia-se claramente que era um movimento das forças armadas, um golpe militar, que derrubou a ditadura e implantou a democracia e era toda a conversa na rádio e televisão, toda a informação estava subordinada ao momento que se vivia.

PJP: *E os dias seguintes como é que foram vividos?*

HMH: Os dias seguintes, olhe, foram maravilhosos! No dia 1.º de Maio, fui para Lisboa festejar! Nunca tinha visto tantas pessoas juntas na minha vida! Lisboa encheu-se, era um mar de pessoas que vinham desde o Saldanha, Avenida Fontes Pereira de Melo, Avenida da Liberdade, Praça do Comércio, tudo completamente cheio e de uma alegria estonteante! Foi extraordinário!

PJP: *De que forma é que isso o marcou?*

HMH: Marcou-me bastante na altura e, depois, por aí fora. Fica sempre uma marca de um acontecimento deste, até porque isto não é hábito no mundo, haver um movimento militar que dê liberdade às pessoas e não a retire. Normalmente, o que acontece é que retira liberdade, o nosso, felizmente, foi ao contrário. O nosso restituiu a liberdade. E tudo isso fez toda a diferença. E, segundo os historiadores, até há casos que apontam para que este Movimento das Forças Armadas seja um caso de estudo a nível internacional, sobre como as pessoas, de maneira espontânea, aderiram ao Movimento das Forças Armadas.

PJP: *Estava a tirar um curso? Sentiu, houve alterações?*

HMH: Não, decorreu com normalidade. Havia só a expectativa de todos nós nos informarmos. Eu próprio, vinha de trás já com alguma informação política e conhecimento que me permitiram viver o momento com bastante curiosidade.

PJP: *De onde é que partia esse conhecimento?*

HMH: Esse conhecimento partia de familiares meus, que eram pessoas ligadas ao operariado em Lisboa, que me transmitiam esses conhecimentos, mas era tudo muito vago, continuava a ser tudo muito vago e a pouca consciência política aumentava a expectativa. Mas as coisas levam tempo, vão-se consolidando e vão-se transformando na cabeça das pessoas e foi isso que aconteceu comigo. A informação anterior ao 25 de Abril era muito difícil e perigosa.

PJP: *Esse amadurecimento...*

HMH: Esse amadurecimento, é isso mesmo.

PJP: *Então, voltando à fase da sua infância, calculo que a tenha passado em Odiáxere.*

HMH: Sim, sim.

PJP: *Como é que era Odiáxere no tempo da sua infância?*

HMH: Odiáxere era uma freguesia rural, onde sobressaía o aspeto religioso, as festas religiosas... E era uma freguesia muito conservadora, extremamente conservadora, portanto, nos costumes, nas relações sociais, nas relações económicas ainda mais, por aí fora... Era toda ela uma freguesia mais virada para o passado do que para o presente e futuro. Tudo isso são situações que já vêm de trás, na altura que o regime impunha determinado tipo de condutas e as pessoas com medo. Nós vivíamos numa sociedade do medo.

PJP: *E vivia aqui na aldeia ou fora da aldeia?*

HMH: Vivia aqui na aldeia. Fui órfã de mãe muito novo, tinha 12 ou 13 anos na altura e, depois, feita a minha escolaridade obrigatória, fui trabalhar. O primeiro emprego que eu tive foi na fábrica da cortiça, em Lagos, e, aos 18 anos fui para a Marinha. Candidatei-me, servi as Forças Armadas e participei na guerra do Ultramar (1971/1973).

PJP: *Esteve onde, senhor Hélder?*

HMH: Em Moçambique.

PJP: *Quanto tempo?*

HMH: Estive em Moçambique duas vezes. Da primeira vez, dois anos e depois mais uns meses, talvez seis meses. Depois fui ferido em combate, em campanha, melhor dizendo. Depois, estive lá mais algum tempo e acabei por sair. Regressei à vida civil. Depois, como já disse, fui tirar esse curso, na margem Sul do Tejo, no I.E.F.P. e por aí continuei a minha vida. Depois, como tinha dificuldade em exercer a profissão de eletricista, eu próprio me candidatei a um emprego público, neste caso, nas escolas, e passei a ser funcionário público a trabalhar no Ministério da Educação.

PJP: *Quando é que se dá novamente o seu regresso ao Algarve e a Odiáxere?*

HMH: Dá-se em final de 1974. Estive a trabalhar em Portimão quando regressei e, depois, em 1979, comecei a trabalhar numa escola.

PJP: *Nessa altura, como é que encontrou Odiáxere? Achou-a uma aldeia diferente, menos conservadora?*

HMH: Sim, menos conservadora, diz muito bem, mas não tanto ainda como eu gostaria que fosse, mas isso é outra questão. Estas coisas são muito lentas, isso leva o seu tempo e, às vezes, as coisas andam para a frente e para trás e para os lados. Isto nunca é uma linha reta que se traça e vai por aí.

PJP: *Entre 1974 e 1976, estabelece-se o novo regime com todas as suas instituições e leis para a democracia. Lembra-se das primeiras eleições autárquicas? De ter votado?*

HMH: Perfeitamente, perfeitamente. Eu próprio e um grupo de pessoas aqui da terra, fizemos parte, eu fiz parte, do primeiro recenseamento livre pós-25 de Abril, do qual, mais tarde, a Câmara Municipal atribuiu um diploma por essa participação, por esse contributo que eu e outras pessoas deram, portanto, no primeiro recenseamento, do qual guardo em casa o diploma. Na altura, assinado pelo Sr. Elói [Correia Abreu], que era o presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lagos na altura. Já devia ter ouvido falar?

PJP: *Já, sim. Era um horário prestado fora do horário de trabalho?*

HMH: Era um trabalho prestado. Foi feito um levantamento e depois as pessoas foram informadas que todo o processo que ia decorrer, seguindo-se a inscrição das pessoas. Eram constituídas comissões e as pessoas iam lá para se recensear e houve uma adesão extraordinária! Era uma sede de liberdade! E, então, deu como resultado um sucesso enorme, não houve problema nenhum aqui, as pessoas colaboraram bem e correu tudo bem.

PJP: *Lembra-se do dia das eleições? Onde é que votou?*

HMH: Eu votei aqui, aqui no Odiáxere.

PJP: *Neste edifício?*

HMH: Não, sempre na escola primária. Era o local. Isso foi um dia também bastante importante em que as pessoas se dirigiam massivamente às urnas. Já não me lembro bem a percentagem de votantes, mas sei que foi uma percentagem elevadíssima de votantes, portanto, de pessoas que aderiram à votação maciçamente

PJP: *E a divulgação da informação de cada um dos candidatos como é que era feita? Como é que se apresentavam à população?*

HMH: Normalmente, apresentavam-se à população. Isto requereu, na altura, todo um trabalho prévio, quando as instituições do próprio sistema democrático, os partidos políticos, todos eles no terreno, começaram as suas sessões de esclarecimento, onde vinha também a questão do recenseamento eleitoral, outras vezes era as pessoas, boca-a-boca, que passavam a informação. Também a televisão teve o seu papel, a rádio, todo um conjunto de situações que culminou no êxito do recenseamento eleitoral.

PJP: *Comícios?*

HMH: Sim, comícios, sessões de esclarecimento, reuniões partidárias que todos os partidos tinham, pois... Essas reuniões, as coisas mudavam muito rapidamente, sem exagero nenhum, era quase minuto a minuto, uma coisa “louca”, no bom sentido, a mudança. E foi assim.

PJP: *Calculo que, nessa altura, ainda nem toda a gente tivesse televisão. Havia alguns sítios na aldeia onde as pessoas se reunissem para ver televisão e para discutir a informação?*

HMH: Na altura, sim, melhor dizendo, na altura havia uma pessoa que tinha o café aqui em frente, tinha uma televisão que as pessoas poderiam ver. Tempos mais recuados,

havia uma outra casa, junto à estrada, onde havia outra televisão, a preto e branco, onde as pessoas, à noite, faziam parte do seu serão a ver televisão. Para as despesas da luz, vinham distribuir uns rebuçados e as pessoas contribuía com qualquer coisa para ajudar. E foi um pouco assim que aconteceu.

O 25 de Abril, ainda recuando um pouco, o 25 de Abril instituiu a partir de 1974 aquela célebre fórmula dos 3 D, portanto, Democratizar, Descolonizar e Desenvolver. A primeira e segunda foram totalmente cumpridas, e a terceira, Desenvolver, há quem tenha dúvidas e eu também as tenho. Desenvolver, sim, o país desenvolveu, talvez não tanto no caminho que nós idealizámos. No desenvolvimento, que, por vezes, nós idealizamos nem sempre corresponde ao que esperamos, mas, de qualquer maneira, desenvolveu-se, pode dizer-se. Na altura, a partir de final dos anos 70, foi aprovada na Assembleia da República a primeira lei das finanças locais. Até ali, os municípios andavam à esmola, de mão estendida ao poder central.

PJP: *Não tinham verdadeira independência?*

HMH: Exatamente, retirando-lhes a verdadeira independência local e, a partir daí, tudo veio a mudar bastante, fizeram-se muitas obras. Por exemplo, aqui, os esgotos corriam a céu aberto, ainda é do meu tempo, todas estas coisas. E, depois, foi-se aperfeiçoando, a própria lei e, hoje, já há muitos anos que eu estou afastado, não sei como é que as coisas estão, mas penso que estarão melhores.

PJP: *O Sr. Hélder esteve envolvido nessa movimentação com o recenseamento. Depois, quando é que se aproxima do poder autárquico?*

HMH: *Em 1979. Eu fiz dois mandatos como presidente de Junta de Freguesia (1980-1985). Os mandatos eram de 3 anos.*

PJP: *Nessa altura, o que é que o animou a participar?*

HMH: Olhe, foi tudo um pouco. O desejo de contribuir como cidadão para melhorar algumas coisas e dar o meu contributo à sociedade, foi também o desejo político, ideológico que ajudou a dar um impulso também, foi, basicamente, estas duas situações.

PJP: *Esteve entre que anos?*

HMH: Estive entre, portanto, houve eleições em 79, final de 79, estive até princípio de 85, 6 anos.

PJP: *Nessa altura, quais eram as principais necessidades que a freguesia tinha e como é que era no início dos anos 80, em que estávamos a experimentar, pela primeira vez, a prática democrática, como é que era essa vivência?*

HMH: Vivíamos num momento em que todos nós estávamos a aprender. Não há dúvida de que a questão é mesmo essa, todos nós estávamos a aprender. Possivelmente havia uns que estavam mais à frente, outros mais atrás... Nesta questão da aprendizagem, nem todos estão ao mesmo nível, mas pronto, todos nós tínhamos o desejo de participar e todos participámos. Eu, no meu caso, foram dois mandatos muito complicados, muito difíceis, não só pelo trabalho que havia para fazer e eu próprio desejoso de contribuir militantemente para fazer esse trabalho, mas também vivia na contrariedade política de ter que administrar e trabalhar numa junta em que eu próprio era minoritário, ou seja, eram-me impostos duas pessoas para administrar a junta que não pertenciam a força política que eu representava. Foi difícil, foi muito difícil, muita ansiedade porque o tempo era curto e as necessidades eram grandes e eu estava empenhado, quando vim para aqui, sobretudo em realizar trabalho e posso dizê-lo, com orgulho, que consegui. Havia coisas que não eram muito difíceis de escolher, porque estava tudo por fazer.

PJP: *Era uma vantagem?*

HMH: Era uma vantagem.

PJP: *E quais eram as prioridades?*

HMH: As prioridades era o saneamento básico, que corria a céu aberto pelas ruas, com tudo o que isso implica em termos de saúde pública, mas, com a insistência da Junta de Freguesia, com a colaboração da Câmara Municipal, que outra coisa não podia deixar de ser, tinha de colaborar, e que nós, Junta de Freguesia, tínhamos a função de manter uma pressão constante nas assembleias municipais para que as coisas andassem. Até algumas decisões tomadas em termos do Município foram tomadas com uma enorme pressão, deslocando-se a Assembleia Municipal aqui à Freguesia para tomar deliberações sobre este e outros assuntos.

PJP: *Uma descentralização local.*

HMH: Uma descentralização local. Pronto, realizou-se a questão dos esgotos, realizou-se os caminhos rurais que estavam todos por fazer e não eram caminhos rurais, eram autênticos barrancos. De Inverno, quando chovia, as águas debitavam para esses caminhos, ninguém passava. E então, várias máquinas andaram a trabalhar durante algum tempo enquanto eu cá estive, durante os dois mandatos, os 6 anos, em alguns

caminhos principais. A eletrificação também aconteceu no Vale da Lama, por exemplo, no Cotifo, Monte Ruivo também nesse tempo. O caminho do Arão foi feito nesse tempo, o das Alfarrobeiras também, da ligação da freguesia de Odiáxere para a freguesia de São Sebastião, via Sargaçal, também. Da Torre, também aconteceu.

Como disse há pouco: estava tudo por fazer, porque a mentalidade reinante até à data de 25 de Abril era, sempre que havia algum dinheiro na Junta de Freguesia, ou porque a Câmara enviava algum dinheiro para a Freguesia, ou porque ela própria nas suas receitas também gerava algum dinheiro, havia aquela mentalidade de não o gastar aqui, mas levá-lo à Câmara Municipal para assim o administrar conforme o seu entendimento. Isto era a mentalidade, grosso modo, reinante, eram este tipo de coisas que acontecia. Havia muito o cuidado das pessoas, de quem ocupava estes lugares, o ficar bem visto na Câmara Municipal. Claro que tudo mudou: obra do 25 de Abril.

PJP: *A construção dessa autonomia nas Juntas de Freguesia?*

HMH: Autonomia. Mas este *modus operandi* até ao 25 de Abril, deixou de existir, porque as pessoas não aceitavam que o dinheiro da própria Freguesia voltasse ao Município. Por que razão haveria de acontecer com tanta coisa que havia para fazer?! Foi assim.

PJP: *E a nível cultural, começou a haver mais associações, mais dinamismo?*

HMH: A nível cultural também. A nível cultural, a nível desportivo, foi no tempo em que, 82/83 por aí, que se legalizou o clube desportivo, que se legalizou o rancho folclórico, que também não havia, e que hoje assume uma preponderância em termos culturais na freguesia e no concelho muito importante, muito importante. Hoje temos um clube desportivo que rivaliza, no bom sentido, com o Esperança de Lagos, não só na competição, mas em termos de formação, ocupação do tempo jovem, que é muito importante. E o rancho folclórico também faz as suas apresentações e leva o nome do concelho a todo o país e está excelentemente bem representado. A farmácia, que também não havia, é um elemento importante na freguesia, que também não havia, também foi nesse tempo, no meu tempo.

Aqui, onde nós estamos, havia, na altura, isto era espaço da Igreja, da paróquia, melhor dizendo. Então, durante aquele período de 74, salvo erro já, ou 75, foi ou final de 74 ou início de 75, houve um movimento popular que fez a ocupação aqui de metade deste terreno, onde está instalado todo este complexo da Junta de Freguesia, com vista a instalar a Junta de Freguesia, o Centro de Saúde e a farmácia.

PJP: *Que era da Junta de Paróquia?*

HMH: Que era da Paróquia. Desenvolveu-se aqui um trabalho enorme de mão-de-obra, grátis, que as pessoas espontaneamente colaboravam na construção.

PJP: *Para construir a Junta de Freguesia?*

HMH: Construir aqui o quê? Posto médico, construir uma biblioteca. As pessoas, muitas delas não sabiam ler, mas, tinham uma sensibilidade enorme e a sede de cultura! E achavam, na altura já, que era importante ter uma biblioteca disponível para a Freguesia!

PJP: *E as pessoas vinham ajudar a construir voluntariamente esses edifícios?*

HMH: Vinham, voluntariamente. O centro de saúde, a farmácia, isto formou-se aqui a construção da biblioteca, centro de saúde, farmácia, que, digamos, era importante levar para a frente. Mas, este projeto, pela sua conceção, havia já aqui alguns defeitos a nível de conceção e, então, mais tarde, entendeu-se, entenderam os responsáveis já passados muitos anos e muito bem, reformular todo o projeto original. Fazer, digamos, uma limpeza, deitar abaixo o que havia e reconstruir um novo edifício. Foi um esforço enorme, há que dizê-lo, das pessoas que trabalharam com afinco, com desejo de ver qualquer coisa de bom aqui para a sua terra. Mas, pronto, o objetivo inicial não foi totalmente conseguido. A Junta estava lá próximo do cemitério, tinha a sua sede numa casa da própria Junta e nós resolvemos fazer aqui um melhoramento, ver o que se podia melhorar e trazer a Junta lá de cima cá para baixo. Para que o posto médico, embora bastante pequeno, digamos, conseguisse funcionar e dar o mínimo de resposta aqui às necessidades das pessoas e a própria farmácia. Portanto, o que é que aconteceu naquela altura? Recapitulando: a Junta veio cá para baixo, juntou-se aqui neste edifício a questão de saúde, o posto de saúde, que está agregado a Lagos, começou a funcionar aqui também, funcionava lá em cima na Junta. A farmácia, depois de um grande trabalho e de muita insistência da própria pessoa que também se mostrou disponível a abrir aqui uma farmácia, o atual farmacêutico, o Dr. Barata, falou connosco e nós, na altura, demos-lhe toda a ajuda que poderíamos dar.

PJP: *Isso foi, mais ou menos, em que altura?*

HMH: Isto foi em 1982/83, por aí... Quer junto da Associação Nacional de Farmácias, com a informação de que era importante a instalação de uma farmácia. Isto não foi fácil instalar uma farmácia. Ainda hoje não é. Naquela altura, também não era. Mas, pronto, com muito trabalho, conseguiu-se implantar aqui uma farmácia, que era o desejo de toda

a população. Com satisfação minha, também tenho que dizer que foi no meu tempo. É verdade!... Foi um pouco assim, não sei se me faltou alguma coisa...

PJP: *Qual foi, precisamente, pegando na questão da satisfação, o que é que guarda como mais saborosa memória desse tempo?*

HMH: Olhe, de tudo um pouco. Mas, talvez, a situação mais emblemática, que eu guardo com saudade de ter ajudado a resolver, duas coisas: a saúde, a farmácia, como já disse, o posto de saúde também e o saneamento básico.

PJP: *Era o que mais o chocava?*

HMH: Porque o saneamento tem muita influência na saúde das pessoas e isso era o que me preocupava mais e isso foi conseguido. A partir daí, melhorou. A farmácia hoje é outra, foi instalado aqui um novo edifício e muito bem, o centro de saúde foi feito um outro centro de saúde ainda nos terrenos da Junta. Na altura, os terrenos da Junta eram baldios e esses terrenos foram todos legalizados pela Junta de Freguesia.

PJP: *O primeiro centro de saúde localizava-se onde?*

HMH: O primeiro Centro de Saúde localizava-se nas instalações da Junta de Freguesia, nos tempos em que os médicos se deslocavam à periferia. Tinham um serviço chamado “serviço à periferia”. Era lá que funcionava o centro de saúde.

PJP: *E a biblioteca?*

HMH: A biblioteca funcionava nas instalações da Junta. Ampliou-se um pouco foi quando passou aqui para baixo, passou a ter instalações novas. Nós, todos os anos, recebíamos livros do Ministério da Educação e renovávamos, todos os anos, o *stock* livros.

PJP: *Ia a dizer onde é que estava localizada?*

HMH: Estava instalada nas instalações antigas da Junta de Freguesia. Portanto, Junta e biblioteca estavam junto.

PJP: *E as pessoas iam lá ler ou requisitar? Como é que era usada a biblioteca?*

HMH: Algumas, algumas pessoas iam lá requisitar, outras ler não tanto, era mais requisitar. Porque isto também não se dá, o acesso à leitura não se dá assim com muita facilidade, isto leva o seu tempo e se houver condições. A freguesia, na altura, pelos seus habitantes, não era assim muito dada a leituras. É normal, mas, as pessoas iam

aparecendo. Se nós não tivéssemos é que seria pior, mas, assim, tínhamos ali a biblioteca que satisfazia, no mínimo, o desejo de quem ali aparecia e requisitava um livro ou outro.

PJP: *Tem ideia do que é que foi feito desses livros?*

HMH: Esses livros, que eu saiba, hoje estão na posse da Junta de Freguesia ainda, numa biblioteca no moinho de vento. Há ali uma biblioteca e polo de leitura.

PJP: *Há ali um polo, que é gerido pela Biblioteca Municipal?*

HMH: É gerido pela Biblioteca Municipal. Todos esses livros, embora houvesse o registo de quem oferecia os livros e ficavam registados em nome da Junta, ou até editoras, às vezes, enviavam livros. Hoje não sei, não sei como é que isso funciona, mas, na altura, era assim. Isso transitou para as Juntas de Freguesia.

PJP: *Muito bem, estamos a chegar ao final da nossa conversa e, há pouco, referiu-me uma coisa muito interessante noutra aspeto, que tem que ver com o certificado que tem como participante no recenseamento. Uma das coisas que nós estamos a identificar e a recolher, estamos a identificar objetos e documentos significativos dessa época. E eu gostaria de lhe perguntar se estaria na disponibilidade de nós fotografarmos esse documento num outro dia, claro?*

HMH: Sim, eu não me importo, mas vou-lhe contar: eu tenho carinho especial por aquele documento. Agora, achei que devia expor o documento em casa. Portanto, há um certo orgulho na participação.

As pessoas que vêm a seguir, todas elas também passaram por esta fase do recenseamento, também têm essa experiência. Agora, é uma questão de combinarmos. Aquilo estive muitos anos assim e, de um momento para o outro, então, mas eu tenho isto aqui, tenho que ver o documento todos os dias.

PJP: *É daquelas coisas que alimentam?*

HMH: Ainda por cima fala lá no “glorioso movimento dos capitães”, não podia...

PJP: *É precioso?*

HMH: Para mim, é. É um objeto muito importante, porque estas coisas, como eu disse logo de início, isto não acontece, estes movimentos não acontecem todos os dias, nem todos os anos na vida de um país. Portugal talvez nunca tivesse atravessado um momento tão importante na sua história como o 25 de Abril.

PJP: *De tanta esperança?*

HMH: Sim, em que as senhoras, por exemplo, não direi com exagero, em certa medida, eram umas vítimas também terríveis. Para saírem do país tinham de pedir autorização ao marido e não só! Era uma perda de liberdade enorme!

PJP: *Outras para poder ter profissão não podiam ter marido...*

HMH: Exatamente, também, pois.

PJP: *Uma grande emancipação de todos?*

HMH: Sim, sim, sim! Uma grande emancipação de todos, especialmente da mulher, há que aplaudir e acrescento: e ainda bem!

PJP: *É possível escolher.*

HMH: Exatamente e salvasse-se a liberdade.

PJP: *E a integridade de cada um.*

HMH: E a integridade, evidente, há que dizer. Nesta oportunidade, aproveito para dizer que tenho enorme privilégio de ter vivido uma data tão importante da nos História, “O 25 de Abril”.

PJP: *Sr. Hélder, muito obrigada pelo seu contributo.*

Referência para citação: MUSEU DE LAGOS / PALMA, Patrícia de Jesus – *Entrevista a Hélder Manuel Henriques*. 2023-09-26. 11 p. Acessível, com a ref.ª PT/ML/AML/E/4/MEMAC000013, em <https://abrir.link/eZpUO>.